



ADOLESCÊNCIA E A FAMÍLIA: Desafios para uma educação sexual dos/as filhos/as

Pedro Wanderson Leite de Oliveira¹

Francisco Francinete Leite Junior²

Francisco Arrais Nascimento³

RESUMO

Objetivou-se discutir o papel dos pais acerca da educação sexual dos/as filhos/as adolescentes, pais, aqui pensados não apenas pelos laços de consanguinidade, mas pela relação afetiva estabelecida no contexto doméstico, sendo esta uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório que tem como *locus* uma cidade de médio porte, localizada na Região do Cariri cearense. Nesta perspectiva, foram selecionadas para a entrevista quatro pais de adolescentes (homens e mulheres), sendo eles duas mães e dois pais, com faixa etária entre 39 e 48 anos de idade, os mesmos foram selecionados a partir da técnica *snowball*. Acerca dos dados os mesmos foram coletados através de uma entrevista semi-estruturada. Após análise, percebeu-se que os pais não abordam com seus/suas filhos/as assuntos ligados à sexualidade, relegando a terceiros (a escola, os círculos sociais do próprio jovem, entre outros) tal função. Fazendo emergir a necessidade do diálogo aberto e construtivo entre pais e filhos no contexto familiar. Ressalta-se que os pais não apresentam abertura para o diálogo acerca de temas relacionados a sexualidade com os filhos/as adolescentes, vislumbrando a quebra de mitos e tabus, para que aconteça uma educação sexual de maneira a favorecer a construção de saberes e espaços grupais e individuais para os/as adolescentes, respeitando as diferenças e subjetividades.

PALAVRAS-CHAVES: Adolescência. Educação Sexual. Família. Sexualidade.

YOUTH AND THE FAMILY: Challenges for the sexual education of children

ABSTRACT

¹ Graduado em Psicologia pela Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO. *E-mail:* pwldo11@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS), possui Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (KURIUS), História Social (URCA), Gestão Escolar (FJN) e Metodologia do Ensino Fundamental (FJN). *E-mail:* francinetejunior@leaosampaio.edu.br

³ Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (2015) e graduado em Administração pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2012). *E-mail:* francisco.arrais.nascimento@gmail.com

The purpose of this study was to discuss the role of parents in the sexual education of youth children, parents, here thought not only by inbreeding, but by the affective relationship established in the domestic context, being a qualitative research, exploratory in nature. Has as locus a medium-sized city, located in the Cariri region of Ceará. In this perspective, four parents of adolescents (men and women) were selected for the interview. Two mothers and two fathers, aged between 39 and 48 years, were selected from the snowball technique. About the data, they were collected through a semi-structured interview. After analysis, it was noticed that parents do not approach with their/their children the subjects related to sexuality, relegating to third parties (the school, the social circles of the own youth, among others) such function. Making the need for an open and constructive dialogue between parents and children emerge in the family context. It should be emphasized that the parents do not present openness to the dialogue about themes related to sexuality with the adolescent children, looking for the breaking of myths and taboos, so that a sexual education happens in a way that favors the construction of knowledge and group spaces and individual for adolescents, respecting differences and subjectivities.

KEYWORDS: Adolescence. Sexual Education. Family. Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

O universo das sexualidades configura-se enquanto um espaço multifacetado e de vivências plurais. Na adolescência, tida como período de transformações e amadurecimento dos sujeitos frente aos desejos e identidades, a sexualidade ainda é percebida como uma temática “tabu” e dessa forma torna-se pouco difundida no âmbito familiar. No entanto, cabe ressaltar que o “tabu” na verdade se inicia muito antes, na infância, sendo percebida as primeiras oposições a exibição de corpos nu, devido ao potencial sexualizador, além dos desejos e das identidades, que recebem toda uma pressão oriunda do construto sociocultural de base religiosa, firmando o incentivo a parentalidade e a heteronormatividade.

Logo, faz-se necessário compreender a educação sexual do público adolescente, posto que a mesma envolve temáticas relacionadas desde o descobrimento do corpo, até as relações sexuais, que em função da carência e/ou distorção de informações, tal universo de temas é marginalizado e negligenciado nas mais diversas esferas sociais, promovendo a falta de conhecimento acerca do exercício da sexualidade. Logicamente, não se deve pensar em um manual de instruções com fortes marcas conservadoras que padronize comportamentos e modos de vida, visto que existe a necessidade de espaço para a diferença. A divulgação de tais informações de forma aberta, via escola, *internet* e meios de comunicação em massa são alternativas. No entanto, os pais não devem estar alheios a tal processo, mas sim, compreender-se enquanto parte integrante do mesmo.

Nesse sentido, percebe-se que o fator motivacional para o desenvolvimento deste estudo apresenta relevância pessoal, social e acadêmica, uma vez que existe uma proximidade dos pesquisadores com o tema em espaços de atuação profissional e pessoal, além da percepção da emergência das temáticas relacionadas que apesar da existência de certo número de produções acadêmicas acerca da mesma, ainda existem carências informacionais no trato com a população adolescente. Ressalta-se ainda a contribuição de tal estudo para as discussões sobre Gênero e Sexualidade no espaço acadêmico e assegurar uma disseminação da informação acerca da temática trabalhada. Contudo, o estudo traz discussões relevantes e contribuições para uma educação sexual do público adolescente, contribuindo para que o diálogo possa perpassar a barreira imposta pelos familiares de não discutir sobre sexualidade com seus/suas filhos/as.

Entretanto, este trabalho partiu do propósito de discutir múltiplos questionamentos sobre a educação sexual dos filhos/as na adolescência, sob a óptica de pais e mães. Mediante a isso, tem-se como problemática: quais são os desafios que pais e mães se deparam diante da educação sexual dos filhos e filhas? Nesta perspectiva, o presente estudo objetivou discutir o papel dos pais e mães acerca da educação sexual dos filhos e filhas adolescentes, para alargar o conhecimento, bem como identificar as possíveis causas da ausência dos responsáveis acerca da educação sexual, compreendendo a influência do meio nesse processo de aquisição de conhecimento sobre a sexualidade e promover a conscientização da participação da família no processo da construção dos saberes acerca do assunto.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo aqui exposto configura-se enquanto pesquisa qualitativa, que de acordo com Minayo (2001), é uma modalidade de pesquisa que trabalha com o espaço de significados, como também suas crenças e valores, atitudes e aspirações, isto é, representando um ambiente de profundas relações e subjetividades. Dessa maneira, Goldenberg (1997) vem explicar que os pesquisadores qualitativos não podem em meio à pesquisa fazer julgamentos, nem deixar que suas crenças e valores prejudiquem a pesquisa em questão.

Para tanto, o estudo ampara-se em uma pesquisa de campo, que de acordo com Fonseca (2002), é uma pesquisa caracterizada por investigações, pois além de ser uma pesquisa bibliográfica e documental, é realizado também o recurso de coleta de dados junto aos indivíduos.

Contudo, o estudo trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que segundo Gil (2002, p. 41), tem como objetivo principal propiciar familiaridade com o problema, e para que junto a isso torná-los mais explicáveis ou então levantar questionamentos a tais problemas. Desta forma, este tipo de pesquisa tem planejamentos flexíveis, para assim possibilitar a consideração de vários aspectos relacionados aos fatos discutidos e estudados. O autor explana que a pesquisa exploratória envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.

Para tanto, tem-se como *locus* uma cidade de médio porte, localizada na Região do Cariri cearense, onde sucederam as entrevistas com os sujeitos de pesquisa. Para as entrevistas foram selecionadas quatro pessoas (homens e mulheres), sendo eles duas mães e dois pais, apresentando formação entre o ensino médio completo e o ensino superior incompleto e se enquadrando no nível de classe média, com faixa etária entre 39 e 48 anos de idade, que tenham 2 (dois) ou mais filhos com faixa etária acima de 12 anos e que residam na cidade que serve de espaço para o desenvolvimento do estudo aqui apresentado, como está descrito na Tabela 1.

Tabela 1: Descrição da amostra da pesquisa

Sujeito	Gênero	Idade	Escolaridade	Função laborativa	Número de filhos	Idades dos filhos	Gênero dos filhos
E.M.P.M.	Feminino	48 anos	Ensino Médio completo	Assistente de biblioteca	2	16 anos	Masculino
						17 anos	Masculino
A.P.B.O.	Feminino	39 anos	Ensino Superior incompleto	Professora	4	8 anos ⁴	Feminino
						12 anos	Masculino
						18 anos	Masculino
						22 anos	Masculino
P.T.S.	Masculino	48 anos	Ensino Superior incompleto	Professor	3	14 anos	Masculino
						18 anos	Feminino
						21 anos	Feminino
M.A.B.O.	Masculino	41 anos	Ensino Médio completo	Fiscal de obras	2	15 anos	Feminino
						17 anos	Masculino

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016⁵.

Nessa perspectiva, os pais foram selecionados a partir da técnica *snowball* (Bola de neve), que é uma técnica de amostragem não probabilística, sendo utilizada em pesquisas sociais, onde os

⁴ O sujeito com idade menor que 10 anos não faz parte da pesquisa devido o recorte etário que limita a amostra a pais com filhos adolescentes, como o sujeito de pesquisa A.P.B.O. tem outros filhos em idade igual ou superior a 10 anos a mesma continua apta para compor o *corpus* da pesquisa.

⁵ No que se refere a faixa etária é arbitrário definir valores máximos e mínimos de idade para ser incluído ou não enquanto "adolescente". Pois dependendo do referencial ou perspectiva epistemológica tem-se marcos diferenciados. No entanto, para este estudo o marco legal no Brasil, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que estabelece no seu artigo segundo que criança é a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade (BRASIL, 2015).

participantes a princípio indicam novos participantes que por sua vez indicam outros participantes e assim gradativamente, até que o objetivo proposto tenha êxito. Com isso, a técnica *snowball* utiliza-se como meio a indicação, onde um sujeito de pesquisa indica outro possível sujeito de pesquisa e assim sucessivamente até que a amostra seja satisfatória (WHA, 1994 *apud* BALDIN; MUNHOZ, 2011). O instrumento utilizado para coleta de dados foi a entrevista simples, organizadas em seis questões (perguntas) referentes ao tema de pesquisa, que foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Nesta óptica, Queiroz (1988) discute que a entrevista é uma técnica de coleta de dados que envolvem o contato entre o pesquisador e o pesquisado, para assim ser norteada conforme os objetivos da pesquisa. Dessa maneira, vale ressaltar que a vida íntima do sujeito pesquisado não interessa a pesquisa e sim aquilo que vem relacionado ao assunto. E junto a isso, vale relatar que existe uma distinção entre ambos, onde é evidente na entrevista como o pesquisador e o entrevistado têm-se interesses diferentes.

Para o processo de análise de dados, utilizou-se da análise de discurso proposto por Michel Foucault (1997). Sabe-se que os discursos configuram-se em rupturas que delimitam práticas discursivas a partir de um fragmento. Tem-se os enunciados que constituem a base do discurso, não na perspectiva lógica ou gramatical, mas na regularidade e na especificidade, tal função enunciativa se transforma em discurso. O discurso passa a ser definido não pelo seu sentido imediato, mas pela prática discursiva que, no seu interior, constrói o sentido (FOUCAULT, 1997). Nessa perspectiva, a técnica de discurso segundo Fischer (2001), é antes de mais nada, recusar os fundamentos unívocos, de simples interpretações, de uma forma que busque os sentidos das coisas, isto é, tanto o sentido oculto das coisas, como o sentido último, práticas que a autora relata serem comuns quando se refere a realizar um estudo de discurso. Na mesma óptica, a autora norteada pela obra de Michel Foucault, explana que é fundamental permanecer ou pelo menos tentar ficar no nível de existência das palavras, significando assim dizer, que é importante trabalhar arduamente com as questões do próprio discurso e perante a isso, aparecer na complexidade que lhe é inerente.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Adolescência e Sexualidade: O público adolescente diante da sexualidade

A princípio vale ressaltar que de acordo Schoen-Ferreira; Farias e Silveiras (2010), a adolescência atualmente não é mais vista pela sociedade apenas como uma possível preparação para

a fase adulta, tal palavra passou a alcançar forma e sentido. Nessa perspectiva, o termo adolescência tem uma definição específica vindo do latim *adolescere*, que quer dizer crescer.

Assim, a adolescência é entendida como um período biopsicossocial que de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) constitui-se enquanto um processo biológico e de vivência cotidiana, onde perpassa pelo desenvolvimento cognitivo à estruturação da sua personalidade, passando assim pela pré-adolescência e a adolescência propriamente dita. Todavia, acredita-se que a adolescência inicia-se antes dos 10 anos e não termina aos exatos 19 anos, onde relatam ser um início de ordem biológica e definido por meio da maturação sexual, ao passo que seu limite final é de ordem sociológica (DAVIM; GERMANO; MENEZES; CARLOS, 2009).

Mediante a isso, o adolescente é visto como um sujeito em construção que ocupa espaço intermediário entre a fase da infância e a fase adulta, dado que na adolescência iniciam-se as mudanças no sujeito. Mudanças essas corporais, que assim requerem adaptações acerca do indivíduo para a vida adulta, começando pela puberdade até a sua inserção social enquanto sujeito biopsicossocial, no entanto, as vezes tem-se a exclusão social pela não adequação ao modelo normativo vigente. Nessa perspectiva, a puberdade se distingue da adolescência, considerando esses dois conceitos distintos. A puberdade se refere aos fenômenos fisiológicos que abarcam as mudanças hormonais e corporais do sujeito, porém a adolescência vem compreender os aspectos psicossociais do processo (SCHOEN-FERREIRA; FARIAS; SILVARES, 2010).

Contudo, em sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud, 1996 [1905] defende a sexualidade não enquanto um aspecto essencial da puberdade, assim, o autor destaca que é uma característica que está presente desde a infância do indivíduo. Desta maneira, é visto que essa é a direção para o objeto, que é preparado desde o princípio. Neste sentido, esse objeto falado será retomado na adolescência, seguindo de alguma maneira os vestígios marcados pelas primeiras relações da infância.

Para tanto, é fundamental que à sexualidade, segundo Foucault (1988) seja percebida como um dispositivo histórico, não como uma realidade fora do saber humano ou que só é apreendida com dificuldades, mas como uma importante esfera da superfície em que a intensificação do prazer, as possíveis formações dos conhecimentos e o próprio apoio das resistências e dos controles, como a estimulação dos corpos, se entrelaçando assim, uns aos outros, ditas como fundamentais estratégias de poder e de saber.

Portanto, o termo sexualidade não se constrói somente no biológico, mas, sobretudo no social (FOUCAULT, 1988). A partir disso, a sexualidade vem se colocar não somente no palpável,

mas no discurso que ampara esse objeto palpável e nesses ditos padrões de normalidade que são determinados pela convivência social. Nesta óptica, para os autores Schoen-Ferreira; Farias e Silveiras (2010, p.227), “a adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade”.

O público adolescente nas últimas décadas vem crescendo em ritmo avançado. Conforme o último censo de 2010 há no Brasil em média 51,3 milhões de jovens, que equivale pelo menos a um quarto da sociedade brasileira (IBGE, 2011). Tal aumento da população é alarmante, pois esse alto crescimento vem acompanhado de várias preocupações acerca da saúde sexual e reprodutiva dos indivíduos, deixando sob o risco de adquirirem Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), o aborto inseguro, gravidez precoce e até mesmo a própria infecção por HIV.

Portanto, diante dos estudos realizados no Brasil e nos demais países do mundo, é perceptível como a vida sexual dos adolescentes se inicia cada vez mais cedo, como também estão associados à precocidade do sexo desprotegido e ao grande número de parceiros/as no decorrer da vida. Sendo que, tais comportamentos e atitudes põem esses indivíduos em possíveis riscos de saúde (IBGE, 2013). É de se destacar ainda que a conclusão apresentada sugere que a educação sexual também deve ser feita na escola, e não apenas pelos pais. Junto a isso, é notório como os adultos, pais ou responsáveis pelos seus filhos adolescentes têm dificuldades em abordar temáticas relacionadas à sexualidade, ou seja, os jovens não têm o conhecimento prévio de tal tema vindo de uma fonte segura, essencialmente no que concerne a atualidade para explicar suas dúvidas e anseios (CANO; FERRIANI, 2000).

Nesse sentido, Osório (1992) afirma que a adolescência é uma fase da vida em que os processos de formação biopsicosocial se convergem e deste modo, a sexualidade se introduz nesse processo positivamente, principalmente como um elemento organizador da personalidade ou identidade do sujeito adolescente.

Desta forma, é necessário trazer o conceito de sexualidade que de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a sexualidade é uma intensidade que ajuda descobrir o amor, a ternura, o contato e a intimidade. De modo que, se completa a partir da forma que nos movemos, sentimos e somos tocados, é ser-se sexual, é ser-se sensual (OMS, 1990).

Trabalhar sobre sexualidade com a população adolescente é algo minucioso, onde o trabalho deve ser voltado a temáticas que envolvam desde seu descobrimento do seu corpo (adolescente), até o ato sexual em si. Temáticas essas como a masturbação, que é considerada uma prática importante no conhecimento do corpo, porém muitas vezes inaceitáveis pelos familiares (MAROLA;

SANCHES; CARDOSO, 2011). Contudo, para Rodrigues Jr (1993) a prática da masturbação e o próprio tocar-se respectivamente são atitudes esperadas ao longo do crescimento do sujeito adolescente no que se refere à sexualidade, sendo uma fase de formação da sua própria identidade sexual, que se manifesta naturalmente.

3.2. Família e Educação Sexual: Os pais e mães frente à sexualidade dos(as) filhos(as) adolescentes

A família desde muito tempo é considerada como um grupo social, que exerce um importante papel sobre a vida dos indivíduos, onde é marcada como um grupo e encarada como uma organização complexa. Nesse sentido, a família se encontra inserida em um contexto social amplo e que mantém intensas interações sociais (BIASOLI-ALVES, 2004).

Portanto, de acordo com Drummond e Drummond Filho (1998) o grupo familiar é uma peça primordial na construção dos sujeitos, sendo fundamental na organização da personalidade e na determinação, ainda considerado também, como uma forte influência significativa no comportamento diante das ações e medidas educativas.

Para tanto, a família exerce uma conduta crucial no andamento biopsicossocial dos sujeitos, onde a partir disso apresentam algumas funções fundamentais no processo, sendo essas agrupadas em três níveis que estão profundamente relacionadas: funções biológicas, psicológicas e sociais (OSÓRIO, 1996).

No que concerne às três funções supracitadas pelos autores, a função biológica quer dizer que, é função do seio familiar garantir a sobrevivência dos sujeitos, e junto a isso fornecer cuidados necessários para os mesmos se desenvolvam adequadamente. As funções psicológicas estão ligadas a três eixos centrais, subdivididos da seguinte forma: a primeira função vem fornecer dedicação de forma afetuosa ao Recém-Nascido (RN), sendo este um fator primordial para assegurar a sobrevivência emocional do sujeito. A segunda função vem servir de alicerce para as ansiedades existenciais dos indivíduos no decorrer do seu desenvolvimento, ajudando-os na superação das crises vitais (adolescência). E a terceira função, que está ligado à criação de um espaço mais adequado que facilite a aprendizagem empírica, a qual auxilia no processo de desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. E por fim, a função social da família, a qual está intimamente ligada à transmissão da cultura aos sujeitos da sociedade (OSÓRIO, 1996).

Para tanto, é necessário salientar que falar de sexualidade com o público adolescente é um assunto que gera um leque de informações, ideias e até perturbações nos indivíduos, onde a temática engloba uma série de interrogações e expectativas ao longo dessa fase da sua vida. É a partir disso

que se destaca a importância de desenvolver a educação sexual com os adolescentes, abordando não de uma forma confusa e superficial, mas de uma forma saudável e com praticidade (CHARBONNEAU, 1979).

Portanto, a educação sexual deve ser percebida como um direito que as crianças e/ou adolescentes devem obter, para assim ter conhecimentos prévios do seu corpo e junto a isso obter uma visão positiva da sua sexualidade, de ter pensamentos críticos, de se auto entender para compreender o comportamento do outro e desta maneira manter um diálogo conciso nas suas relações. Portanto, os autores explanam que deve ser preocupação dos responsáveis, que os adolescentes obtenham uma educação sexual saudável, visto que, os hábitos e os valores sejam pautados positivamente, que condiz com os direitos humanos e própria valorização da vida (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

No tocante a isso, a família e os pais principalmente acreditam que falando sobre sexualidade com os filhos adolescentes estão induzindo os mesmos a praticar a atividade sexual em si, ou seja, os pais preferem silenciar tal assunto para não se comprometerem com um assunto que não se sentem seguros em discutir (FONSECA; GOMES; TEIXEIRA, 2010).

Nessa óptica, é importante frisar que o diálogo da família com os seus filhos adolescentes, ainda que árdua e conflituosa, deve-se ser sempre incentivado e induzido (ALMEIDA; CENTA, 2009). Visto que, é justamente nesta fase da vida que os sujeitos adolescentes aspiram suas dúvidas e necessitam receber respostas. No entanto, tais assuntos não são trabalhados no âmbito familiar como deveria.

Em relação a essa questão, de acordo com Fleury (1995), o diálogo sobre sexualidade é mais do que meramente transmitir informações, ou seja, é algo que deve perpassar as barreiras impostas, como os valores, as culturas ou idades, em prol de uma informalidade que favoreça o momento existencial dos filhos, e/ou a partir de mensagens que não sejam limitadas e muito menos permissivas. Com isso, o intuito é formular uma união mais comunicativa na qual os filhos de uma forma geral encontrem um ambiente favorável e suportes necessários para o desenvolvimento psicológico. No entanto, é verídico como muitos dos pais e mães e seus filhos não conseguem estabelecer essa situação existencial para a comunicação, especialmente quando o assunto é sexualidade. Assim, quando os pais e mães conseguem debater sobre o assunto se deparam com ocasiões singulares, ou seja, suas histórias pessoais e desta maneira, limitam-se a impor ou ceder informações superficiais.

Nessa óptica, ainda segundo Dias e Gomes (1999), é perceptível como a comunicação sobre o tema sexualidade entre os pais e mães e seus filhos é marcada por uma indecisão e insegurança que aflige ambas as partes, onde reconhecem os problemas, porém evitam enfrentá-los como deveria. Com o dilema então formado, a ambiguidade vem expor a percepção problemática diante do diálogo, ou seja, a não educação sexual pode-se levar a iniciação sexual precocemente, ou então, a falta de orientação sexual pode-se resultar em possíveis doenças, como também a ausência de uma educação sexual pode levar os/as adolescentes à situações vulneráveis inclusive de violência e discriminação. Devido a estas dificuldades, os pais acabam não lidando com a função que lhes caberiam diante da sexualidade dos filhos. Desta forma, como explanado anteriormente, outras pessoas e/ou instituições ocupam esse lugar, quando não preenchido pelos pais. Assim, a escola vem se configurando como um importante espaço neste processo de educação sexual, se tornando um importante coadjuvante, justamente pelo fato de ser um local de socialização de crianças e adolescentes.

Para tanto, vale ressaltar que a sexualidade no contexto brasileiro ainda é considerada um tabu, saturado de princípios morais e preconceituosos, onde os sujeitos de todas as faixas etárias se sentem precisamente bloqueados em externar suas dúvidas e expectativas em relação à temática. Provavelmente, as maiores dificuldades exteriorizadas pelas famílias para encarar a sexualidade, está intimamente ligada ao fato da sociedade relacionar tal assunto a algo obscuro, proibido, como um ato errôneo e pecaminoso. No entanto, faz-se necessário considerar que a educação sexual deve construir novos horizontes e conhecimentos desprovidos de ideias errôneas que alie a sexualidade a algo pecaminoso ou à impureza (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Junto a isso, é visto ultimamente a necessidade do envolvimento da família e da escola acerca da educação sexual do público adolescente, pois ambas proporcionam reflexões e esclarecimentos adequados para que os adolescentes usufruam a sua sexualidade de forma saudável e conscientemente. Entretanto, é evidente como existem desafios acerca da educação sexual, que é propriamente ajudar os adolescentes a expor suas dúvidas a respeito de tais assuntos e junto a isso esclarecer saudavelmente, para que assim se livrem dos preconceitos e desenvolvam atitudes e/ou comportamentos sadios e favoráveis relacionados à sexualidade (GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Segundo Alencar; Silva; Silva e Diniz (2008), apesar de haver um consenso entre os especialistas sobre a necessidade de se articular as questões relacionadas à sexualidade, na realidade os pais e mães e os educadores infelizmente ainda retratam dificuldades para debater o assunto com

os jovens. Ademais, nas instituições escolares notam-se os chamados assuntos “transversais”, isto é, a educação sexual não é trabalhada de uma maneira que integre os distintos saberes dos sujeitos e desta forma a interdisciplinaridade não é contemplada. Logo, é notório acreditar que dentro do âmbito escolar fica a mercê do professor de biologia reunir condições para atender as demandas dos adolescentes com indagações sobre o tema sexualidade.

Sabe-se que a escola segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002), se configurou enquanto uma importante instituição social devido a mediação que a mesma realiza entre o indivíduo e a sociedade, para as autoras a humanização deve acontecer no ambiente escolar, quando o sujeito aprende a cultura, os papéis sociais e os valores morais, com isso a criança vai criando autonomia e se identificando com determinado grupo social.

Constantino (2014), complementa colocando a escola como uma ferramenta significativa na socialização, mas destaca que nela também se presentificam as relações permeadas pelo poder que atingem corpos, sexualidades, identidades, que atingem os sujeitos que ali se fazem presentes. Assim como Abramowicz e Moruzzi (2010), que destaca que a sexualidade ultrapassa a barreira ilusória que são os muros da escola e está ali, presente no cotidiano escolar, manifestando-se como uma vontade de saber. Mas os estabelecimentos de ensino operam com técnicas disciplinares que exercem um controle sobre os comportamentos, a partir de uma heteronorma que é tida por meio dos jogos de poder como a verdade a qual o indivíduo deve se apegar e seguir. Desse modo, as identidades que não seguem os ditos padrões são estigmatizadas e punidas.

Em relação ao contexto da educação institucional, Pinto (1997) afirma que, para educar a população adolescente é essencial desde que haja a subjetivação do conhecimento, isto é, as pesquisas tenham abertura para falar que tem que haver transformações do conhecimento em casos individuais, a vinculação entre o assunto colocado em pauta e a vida diária do adolescente. Portanto, os procedimentos realizados pelos profissionais as intervenções, tanto da área da saúde como da educação, devem levar em evidência o âmbito familiar e social, onde os adolescentes estão intimamente inseridos enquanto sujeitos, para compreender as crenças e os valores que atravessam suas vivências.

Contudo, vale ressaltar conforme Takiuti (1997), que o público adolescente precisa conversar abertamente, se expressar, ouvir, dialogar e junto a isso expor suas possíveis dúvidas, críticas e ideias num contexto marcado por entendimento, afeto e respeito. Com isso, como explanado anteriormente que a adolescência é uma fase repleta de muitas dúvidas, é notório como essas devem ser ouvidas, trabalhadas e elucidadas com parcialidade e liberdade e sem que haja

preconceitos. Pelo contrário, pode produzir angústias, ansiedades e frustrações, favorecendo, desta maneira, para que o público adolescente se transfigure um dos grupos mais vulneráveis atualmente.

Para Cano e Ferriani (2000) é perceptível como a caminhada sobre esse assunto é longa e ainda tem muito a percorrer, são muitos mitos e tabus ainda a derrubar, assim, faz-se necessário pensarmos da seguinte forma, todo adolescente tem o direito de ser educado ou orientado corretamente acerca da sua sexualidade, começando pelo seu próprio lar, se expandindo pela escola e/ou por todas as instituições que façam parte da vida do sujeito adolescente, dando ênfase nas instituições do âmbito da saúde. Esse suporte é fundamental para que o sujeito seja apto a resolver questões, como usar anticoncepcionais ou não, praticar aborto ou não dentre outras questões envolvidas, sem contrair sentimentos de culpa e/ou sem desestruturar sua integridade mental e física.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar que em meio a esses procedimentos de educação sexual, e apesar ainda dos problemas e limites existentes para se abordar sobre o tema da sexualidade, comumente são as mães que se empenham para realizar esse ato. Ao contrário, os pais e mães apresentam ter pouca ou quase nenhuma habilidade para dialogar com os filhos, muitas vezes pelo fato de não estarem presentes no cotidiano dos filhos, ou de fato por não serem disponíveis para negociações familiares (BRANDÃO, 2004).

Por esse ângulo, de acordo com Ribeiro (2009), cotidianamente torna-se necessário que a instituição escolar compreenda a fundamental relevância do assunto e os pais junto a isso (em casa), possam trabalhar esse tema, conversando abertamente, fortalecendo o serviço da escola onde seu filho adolescente estuda. Deste modo, o autor vem relatar que os pais e mães e a escola trabalhando juntamente é uma ferramenta resistente e importante para uma educação sexual saudável, para desta forma, ter resultados satisfatórios no processo de desenvolvimento dos sujeitos. O autor relata que quando o tema é trabalhado melhora múltiplos aspectos da vida dos/as adolescente como, passa a refletir sobre seus conceitos, preconceitos e valores, aumenta sua autoestima, as informações pautadas são importantes para seu desenvolvimento sexual, integra o sujeito nas suas relações sociais, auxilia na aceitação do outro e nas suas diferenças e por fim, contribui para que seu filho se desenvolva naturalmente, para ser um indivíduo mais consciente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A princípio, os resultados e discussões deste estudo são apresentados em dois momentos. No primeiro momento, buscou-se caracterizar os perfis dos entrevistados (as), no segundo momento, articulam-se as respostas dos sujeitos fazendo discussões com os teóricos.

Nessa perspectiva, os perfis dos sujeitos são duas mães e dois pais, com faixas etárias entre 39 e 48 anos de idade e com escolaridade e ocupações diferentes. Bem como, Ensino Médio completo, Ensino Superior incompleto e com nível socioeconômico de classe média. É válido ressaltar, que o roteiro de entrevista foi organizado em seis perguntas.

A partir das entrevistas cedidas pelos sujeitos, percebeu-se que como na perspectiva de Moizés e Bueno (2010), é fundamental que os pais ou responsáveis pelos filhos, conheçam e compreendam que a educação sexual não se restringe apenas a exploração de conceitos e a meros exemplos sobre o sexo ou desejos sexuais em si. Sendo também necessário se falar em assuntos referentes à sexualidade, as relações afetivas e intimidades.

Diante disso, os indivíduos colocaram-se sobre a educação sexual:

[...] a orientação passada para os jovens, orientações essas que serviram para a sua formação enquanto sujeitos, sendo que essa orientação não se resume apenas ao ato sexual, onde o assunto tem que envolver tudo, inclusive as instituições escolares para nos ajudar a suprir as dúvidas dos nossos filhos (Sujeito I, E.M.P.M).

Anami e Figueiró (2009) afirmam ser possível que os pais saibam lidar com algumas circunstâncias ou dúvidas dos jovens, sem propor, ou impor padrões. Entretanto, se os pais e mães forem ajudados a refletirem sobre como foi seu processo de concepção acerca da visão da sexualidade, do sexo e do corpo e, conseguindo reconstituir uma conduta positiva e autêntica diante destas questões, conseguiriam ser mais autônomos no desempenho deste papel. Desta maneira, a escola se torna uma benéfica coadjuvante nesse processo, auxiliando os pais no processo de educação dos filhos.

Percebo a educação sexual como um procedimento que visa esclarecer informações beneficentemente aos jovens e aos adolescentes de maneira correta, pois é uma temática que não vem a se restringir apenas ao sexo e sim algo que perpassa essa tese (Sujeito II, A.P.B.O.).

Portanto, segundo Cano e Ferriani (2000) é fundamental que se busque conhecimentos a respeito da sexualidade, para que essa temática seja debatida de maneira mais eficiente, para manter um diálogo aberto com os adolescentes e entender as manifestações sexuais características da idade.

Com isso, segundo Nunes (2000) a educação sexual se introduz em um campo de estudo que costuma permanecer na incompreensão, na improvisação, no preconceito e comumente no descaso, que se refere ao tema em questão. Ou seja, geralmente os pais e mães consideram que não

é correto conversar com os filhos sobre sexualidade, por ser um assunto complicado e delicado, repassando essa responsabilidade para as instituições escolares, com o intuito de procrastinar cada vez mais o diálogo aberto sobre o assunto.

Ao priorizarem as dificuldades e desafios encontrados no processo de educação sexual dos seus filhos afirmam:

Acho um assunto muito difícil de trabalhar, me sinto tímida e acanhada em conversar abertamente com meus filhos sobre esses assuntos, isso se torna um grande desafio para mim, queria muito poder educar sexualmente com o pouco que sei, mas quando consigo a juventude de hoje não aceita os nossos conselhos enquanto pais. [...] (Sujeito II, A.P.B.O.).

Nesse sentido, Cano e Ferriani (2000), afirmam que os pais e as mães têm resistências em dialogar acerca de assuntos referentes à sexualidade. Isto é, os pais e mães dizem que essas questões se tornam um amplo desafio na educação sexual dos filhos, não apenas por timidez e incômodo, mas propriamente por medo do que essa conversa autêntica e aberta possa instruir aos filhos adolescentes, que de certa forma estão aptos a iniciar suas vidas sexuais.

Creio que, o principal desafio que é justamente a conversar abertamente com os filhos, precisamente pelo fato de ser um tema complicado e restrito para falar livremente. Fico bastante constrangido em dialogar com meus dois filhos sobre como educá-los sexualmente. Ainda mais que hoje em dia, já é tão difícil porque a internet e a mídia já têm as informações precisas (Sujeito IV, M.A.B.O).

No entanto, Luz e Berni (2000), vêm discutir que os tabus impostos sobre o tema sexualidade, se contemplam mais essencialmente no contexto familiar do adolescente do sexo feminino, do que do sexo masculino, visto que, os pais e mães aspiram a serem mais inflexíveis e ásperos com as meninas. Portanto, as discrepâncias de gênero dão condições para que os sujeitos assumam condutas distintas. Entretanto, vale ressaltar que os indivíduos entrevistados explanaram o que diferencia a educação sexual em relação aos papéis de gênero, como se pode observar no discurso do Sujeito de pesquisa III, P.T.S.:

Lógico que é uma educação diferente, pois na minha visão sexo masculino sempre foi mais livre. O feminino sempre foi mais reservado, dando atenção maior a essa população, pois são mais vulneráveis e delicadas. Apesar de hoje ser encarado com mais maturidade esses assuntos.

No tocante a isso, Louro (1997) relata que as concepções dos papéis de gênero ainda são divergentes, não somente entre as sociedades, mas no que está inerente de uma dada sociedade, considerando os diversos grupos existentes (religiosos, raciais, étnicos e de classe) que a constituem. Assim, é marcado dizer que os homens são diferentes das mulheres, onde essa informação se constitui a priori, como uma declaração irrefutável, onde há muito a se pensar acerca disso.

É uma educação totalmente diferente, porém particularmente falando o sexo feminino deve ter um foco a mais, pois é um público mais vulnerável e restrito [...]. (Sujeito III, A.P.B.O).

Para tanto, é necessário explicar que o gênero não denota o mesmo que sexo, sendo que o sexo diz respeito anatomia de um sujeito e, gênero está relacionado à sua formação ou constituição social enquanto sujeito masculino e feminino. No entanto, cabe ressaltar os sujeitos que borram as fronteiras e transitam, demonstram a complexidade desta diferenciação entre gênero e sexo.

Desta forma, é importante pensar que os seres humanos se tornam homens e mulheres, meninas e meninos, diante das normas discursivas e culturais. Portanto, não é mais válido apenas se focar nas mulheres como instrumento de estudo, mas sim focalizar nos processos de formação de masculinidade e de feminilidade, ou melhor, nos sujeitos femininos e masculinos (LOURO, 1997).

[...] creio que a educação sexual dos públicos se torna diferentes, pelo fato que o sexo masculino é mais aberto a conversas, por ser uma população mais flexível. De outra forma, creio que a população feminina é mais sensível, por ser uma população que deve ter mais foco (Sujeito IV, M.A.B.O).

Nessa óptica, Santos e Bruns (2000) discutem que apesar da sociedade estar em um processo de transição, nos quais os padrões sexuais encontram-se ainda revistos e reavaliados, é visto que as meninas e os meninos são educados de forma diferenciada. Precisamente, é viável notar a liberdade para os meninos e a restrição para as meninas.

Entretanto, de acordo com Costa (1986), é importante frisar que os pais e mães que não adquiriram educação sexual ao longo de suas vidas, ou que tiveram uma educação imensamente autoritária e repressiva, são precisamente pais que entram em divergências com seus filhos, por terem pensamentos distintos e que discordam das suas ideias. Assim, é evidente o ambiente que se é proporcionado, digno de um espaço sobrecarregado tanto para os filhos, como para os pais. Deste modo, é fundamental que os pais e mães reconheçam que nem sempre seus pensamentos, suas crenças e seus valores relacionados à sexualidade vão de encontro às necessidades dos filhos. E a partir disso, pode acontecer dos adolescentes receberem essas informações de maneira errônea e negativa, por meio de um paradigma educacional repressivo, autoritário e indiferente por parte dos pais e das mães.

Neste panorama, ao serem indagados se obtiveram educação sexual ao longo de suas vidas, o sujeito I de pesquisa (E.M.P.M.) afirma:

Não, pois na minha época (não que eu seja velha, 'risos') existia um tabu enorme entre pais e filhos, esses assuntos eram encobertos e nunca trabalhado. Naquele tempo os nossos pais eram mais rigorosos e autoritários. Pode ser por isso que tenho dificuldade em falar sobre isso com meus filhos hoje.

Tendo em vista o que foi discutido, para Bié; Diógenes e Moura (2006) a insuficiência de conhecimento dos pais é um aspecto relevante para a insegurança ou para o desconhecimento de comportamentos saudáveis para abordar com os filhos sobre essa temática. Deste modo, faz-se necessário frisar que a vergonha, os padrões culturais e o preconceito resultam em dificuldades no diálogo e os pais e mães diante desses fatores condensam seus ensinamentos em meros recados de forma indireta, impossibilitando, assim, o entendimento pelos filhos.

Não, porque antigamente os pais sempre escondiam dos filhos o assunto em questão, ou seja, não chegavam até nós filhos para falar abertamente sobre essa temática, e corajoso algum filho que perguntasse sobre isso. Acho que isso foi um grande atraso para nós e por conta desses fatos não expostos antigamente, sinto-me acanhada em falar com meus filhos hoje em dia (Sujeito II, A.P.B.O.).

Percebe-se que, diante dos discursos é evidente salientar como a carência da educação sexual que os pais não obtiveram ao longo do seu desenvolvimento impede positivamente no diálogo que deveria acontecer para com os seus filhos. Pois essas informações seriam uma via de acesso aos filhos, que iriam expressar abertamente seus anseios, angústias, dúvidas, medos e desejos. Portanto, a conversa aberta implica vínculos de confiança mútua, ofertando aos filhos adolescentes superações de tabus, incompreensões, frustrações ocasionais e reações negativas Trindade e Bruns (1999).

Não, meus pais eram muito recatados, não compartilhavam os conhecimentos que sabiam com a gente, preferiam deixar a gente crescer inocente (Sujeito III, A.P.B.O.).

Para tanto, segundo Jesus (1999) a família é consagrada uma constituição social primordial para que seus integrantes em desenvolvimento e crescimento se disciplinem e se qualifiquem, especificamente no que se refere à sexualidade. Os pais têm-se mostrados despreparados para trabalhar a educação sexual com os membros familiares (filhos), no que se concerne às questões sexuais. Os pais foram educados num contexto de repressão, não compartilhando os conhecimentos no que diz respeito às manifestações sexuais. Seus pais optavam por não mencionar ou debater o assunto e, no ambiente escolar os próprios professores se limitavam falar do tema.

Não, pois os meus pais não falavam disso com nós filhos de nenhuma forma. Se quiséssemos saber do assunto, procurássemos outro meio para aprender (Sujeito IV, M.A.B.O.).

Contudo, conforme Fonseca; Gomes e Teixeira (2010), afirmam que atualmente os jovens estão expostos a diversas situações de risco, por ser um público vulnerável. Assim, se torna necessário à busca por novos conhecimentos, ou seja, é precisamente procurando novas formas de agir, questionar e determinar que será possível colaborar beneficentemente para que os adolescentes obtenham novas possibilidades de se transformarem cidadãos sociais e capazes de se desenvolver saudavelmente, usufruindo seus prazeres de forma consciente e responsável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu conhecer a percepção dos pais acerca da educação sexual dos seus filhos (as) adolescentes, bem como os desafios que os pais e mães se deparam mediante a educação sexual dos mesmos. A pesquisa teve como intuito discutir o papel dos pais acerca desse assunto e identificar as consequências que podem ocasionar perante a ausência desse público no que se concerne à educação sexual. Desta maneira, vale salientar que os objetivos da pesquisa foram alcançados, assim é válido frisar, que quando o assunto é sexualidade, transfigura-se como uma temática que envolve muitos mitos e tabus, prejudicando as novas aquisições dos conhecimentos dos adolescentes. Portanto, a pesquisa torna-se relevante para que os pais trabalhem esse tema com os filhos, com uma atenção mais cuidadosa e, acima de tudo, afetiva para com os filhos.

A partir dos resultados apresentados e das discussões propostas, fica claro a necessidade do diálogo aberto e construtivo entre pais e filhos no ambiente familiar, no que se refere às questões relacionadas à sexualidade. Entretanto, é importante que os pais e mães trabalhem o tema de forma benéfica, compartilhando, aprendendo e investindo conhecimentos fundamentais sobre o assunto com os filhos(as) adolescentes, vislumbrando a quebra de mitos e tabus, para que aconteça uma educação sexual de maneira saudável e exitosa. Diante das discussões, são evidentes as dificuldades e as resistências que os pais e as mães têm para falar sobre sexualidade, até mesmo no que se refere à diferença da educação sexual em relação ao gênero, seguindo padrões culturais “machistas”. A partir disso, discutem ser difícil educar os filhos com um assunto tão minucioso, sentindo-se incapazes de não saber lidar com as demandas que podem ocasionar. Portanto, a insuficiência de conhecimento se torna um aspecto fundamental para o desconhecimento de comportamentos sadios ou para a insegurança de como abordar esse tema, pois o preconceito e a vergonha resultam em prejuízos no diálogo aberto com os filhos (as).

Diante do que foi analisado conclui-se que, questões relacionadas à sexualidade ainda continuam sendo um tema polêmico na sociedade contemporânea, onde resiste a interpretações e olhares diferentes a seu respeito. No tocante a isso, a pesquisa nos leva a possibilidade de reflexão acerca do tema, da sua importância para o meio social, acadêmica e pessoal, pois a educação sexual deve ser trabalhada formalmente, de maneira cuidadosa e construtiva para não causar prejuízos aos filhos(as), focalizando crenças, mitos e tabus, não restringindo somente os filhos adolescentes, mas, sobretudo, aos próprios pais, visto que, os valores e condutas desse público desempenha uma forte influência no comportamento de seus filhos. Ressalta-se a importância da educação sexual para um desenvolvimento mais saudável para os jovens, sendo trabalhada de forma conjunta com outras

instituições, entre elas a escola. Visto que, seja iniciada em casa com a família e complementada na escola. Suprindo as dificuldades e o despreparo, na maioria das vezes dos pais e mães em relação ao tema, além de auxiliar os jovens nesse processo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andreia Braga. *O plural da infância*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

ALENCAR, Rúbia de Aguiar; SILVA, Lucía; SILVA, Fábio Arlindo; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. *Ciência & Educação*. v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n1/11.pdf>>. Acesso em: 1º out. 2016.

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paul Enferm*. v. 22, n. 1, p. 71-76, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a12v22n1.pdf>>. Acesso em: 16 de setembro de 2016.

ANAMI, Letícia Figueiró; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Interação Família-Escola Na Educação Sexual: Reflexões A Partir De Um Incidente In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *Fundo de Apoio à Pesquisa – FAP - Univille, Curitiba*, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016. p. 332.

BIASOLI-ALVES, Zelia Maria Mendes. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. In: ALTHOFF, C. Rinald.; ELSÉN, Ingrid; NITSCHKE, Rosane Goncalves (Orgs.). *Pesquisando a família: olhares contemporâneos*. Florianópolis: Papa-livro, 2004.

BIÉ, Ana Paula Alexandre; DIÓGENES, Maria Albertina Rocha; MOURA, Escolástica Rejane Ferreira Planejamento familiar: o que os adolescentes sabem sobre este assunto? *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*. 19 (3), p. 125-130. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40819302>>. Acesso em: 22 out. 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria Lourdes Trassi. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Ed. Saraiva: 2002.

BRANDÃO, Eliane Reis. Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil. In: HEILBORN, Maria Luiza. *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

BRASIL. [Estatuto da criança e do adolescente (1990)]. *Estatuto da criança e do adolescente* [recurso eletrônico]: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 13. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; GOMES, Romeu. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev. latinoam. enfermagem*. Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. *Educação sexual: seus fundamentos e seus processos*. São Paulo: Epu, 1979.

CONSTANTINO, Clarice Klann. Homoafetividade Também Frequenta a Escola, Mas Por Favor Não Assuma a Sua Homossexualidade. *Anais... Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - Reunião Científica Regional da ANPED SUL*. Florianópolis, out., 2014.

COSTA, Moacir. *Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento*. 3. ed. Porto Alegre: L&Pm, 1986.

DAVIM, Rejane Marie Barbosa; GERMANO, Raimunda Medeiros; MENEZES, Rejane Millions Viana; CARLOS, Djailson José Delgado. Adolescente/ adolescência: revisão teórica sobre uma fase crítica da vida. *Rev. Rene. Fortaleza*. v. 10, n. 2, p. 131-140, abr./jun.2009. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/vol10n2_pdf/a15v10n2.pdf>. Acesso em: 18 de nov. 2015.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William Barbosa. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*. 4(1), p. 79-106. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v4n1/a06v04n1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

DRUMMOND, Marina Canal Caetano; DRUMMOND FILHO, Helio Caetano. *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola. 1998.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. n. 114, p. 197-223, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 1º set. 2016.

FLEURY, D. Gravidez na adolescência: difícil enfrentar essa barra. *Revista Crescer*. 18, p. 18-22. 1995.

FONSECA, Adriana Dora da; GOMES, Vera Lúcia de Oliveira; TEIXEIRA, Karina Correa. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. *Esc. Anna Nery* [online]. v.14. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n2/16.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015. p. 334.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: _____. *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GIL, Antônio Carlos (1946). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, ano 29, vol. 5, 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/784/741>>. Acesso em: 16 set. 2016. p. 252-257.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: Características da população e dos domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 270 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 256 p.

JESUS, Maria Cristina Pinto de. O significado da educação sexual na relação pais/adolescentes. *Revista Bras. Enferm.* Brasília, v. 52, n. 3, p. 455-468, jul./set. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v52n3/v52n3a15.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

LUZ, Anna Maria Hecker; BERNI, Neiva Iolanda de Oliveira. Feminino e Masculino: repercussões na saúde dos adolescentes In: RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (org.). *Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro*. Brasília: Aben/ Governo Federal, 2000. p. 37-45.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psic. da Ed.* São Paulo, 33, p. 95-118, 2º sem. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n33/n33a06.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista Escola em Enfermagem*. v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NUNES, César. *A Educação Sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade par além da transversalidade*. São Paulo: Autores Associados, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDAL DE SAÚDE. *Prevención de la transmisión sexual del Virus dela Immnodeficiencia Humana*. Serie OMS sobre el SIDA, v. 6, n. 1, 1990.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Adolescente hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar In: AQUINO, Julio Roberto Groppa. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível” In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988.

RIBEIRO, Marcos. *Conversando com seu filho sobre sexo*. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

RODRIGUES JR, Oswaldo Martins. Os conflitos sexuais na adolescência. In RIBEIRO, M. *Educação sexual: novas ideias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica*. São Paulo: Editora Omega, 2000.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Abr./Jun. 2010. v. 26 n. 2, p. 227-234. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

TAKIUTI, Albertina Duarte. A saúde da mulher adolescente. In: MADEIRA, Felicia Reicher (Org.). *Quem mandou nascer mulher?* Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

TRINDADE, Erika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *Adolescentes e paternidade: um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos, 1999.

Recebido em: 26 de fev. 2017.

Aceito em: 22 de abr. 2017.